



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Rodrigo Freitas Alves

**ENCONTROS ENTRE TEORIA E PRÁTICA DURANTE A FORMAÇÃO
ACADÊMICA NO CURSO DE HISTÓRIA**

Maceió - AL

2022

Rodrigo Freitas Alves

ENCONTROS ENTRE TEORIA E PRÁTICA DURANTE A FORMAÇÃO
ACADÊMICA NO CURSO DE HISTÓRIA

Trabalho Monográfico apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
História como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciado em História.

Orientador: Dr. Antônio Alves Bezerra

Maceió - AL

2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- A474e Alves, Rodrigo Freitas.
 Encontros entre teoria e prática durante a formação acadêmica no curso de história / Rodrigo Freitas Alves. – 2022.
 53 f. : il.
- Orientador: Antônio Alves Bezerra.
 Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : licenciatura)
 – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
 Comunicação e Artes. Maceió, 2022.
- Bibliografia: f. 52-53.
1. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Brasil). 2.
Programa de Residência Pedagógica (Brasil). 3. Programas de estágio. 4. Educação.
I. Título.

CDU: 378.046.2

AGRADECIMENTOS

Fica o agradecimento primeiramente a Deus que sempre me manteve firme. A os meus familiares que sempre estiveram presentes, dando apoio e suporte durante todo o meu período de formação, em especial a minha mãe Luziana e irmãos. A todos os professores e os demais funcionários, das escolas a qual visitei, pessoas que sempre me receberam de portas “abertas” e disponibilidade para auxiliar no que fosse necessário.

Agradeço aos professores do curso de história, que acompanharam e participaram, me ensinando e tirando dúvidas, em especial aos professores: Lídia Baumgarten, a qual estive à frente durante estágio I e edição do PRP, a qual participei, e ao professor Antônio Alves Bezerra, o qual estive presente durante os estágios III e IV , PIBID, e orientando esse trabalho.

Aos colegas de classe e membros dos programas PIBID e PRP, das edições as quais participei, e compartilhei boa parte da minha jornada acadêmica, teorias, dúvidas e certezas. Por fim, aos estudantes, das escolas de ensino básico as quais participei e as quais construí em conjunto minhas primeiras experiências de regência em sala de aula, práticas pedagógicas e formação do perfil de professor ao qual desejo me tornar.

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta discutir as experiências desenvolvidas durante a participação nos estágios supervisionados, programa institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa de Residência Pedagógica (PRP), de um estudante do curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas. Em relação ao aspecto teórico e metodológico presente no trabalho, o mesmo foi realizado tendo como base registros dos relatórios dos estágios, bem como documentos e matérias dos programas PIBID e PRP realizados em distintas escolas. Desde formatos de ensino, indo do tradicional presencial, durante os estágios e PIBID, até a adesão ao modelo remoto de ensino, durante a participação no prp. Posicionando e pensando o conhecimento sobre a realidade da educação básica como aspecto indispensável durante o processo de formação.

Palavras-chave: PIBID. PRP. Estágio. Educação.

ABSTRACT

The purpose of this work is to discuss the experiences developed during the participation in supervised internships, institutional scholarship program for Teaching Initiation (PIBID) and the pedagogical residency program (PRP), of a student of the degree course in History at the Federal University from Alagoas. Regarding the theoretical and methodological aspect present in the work, it was carried out based on records of internship reports and documents, subjects from PIBID and PRP programs, carried out in different schools, teaching formats ranging from traditional face-to-face, during internships and PIBID, until adherence to the remote teaching model, while participating in the pro. Positioning and thinking knowledge about the reality of basic education as an indispensable aspect during the training process.

Keywords: PIBID. PRP. Internship. Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Segunda aula 9° ano C, aula com mapa.....	33
Figura 2: Círculo para visualização do mapa.....	33
Figura 3: 9º ano mapa mental interativo.....	34
Figura 4: 3º ano A, Praça Pingo d Água.....	37
Figura 5: Catedral Metropolitana de Maceió.....	38
Figura 6: Aula em ambiente virtual.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA EM DIALOGO COM O ESTÁGIO SUPERVISIONADO	12
2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O ESTÁGIÁRIO NO AMBIENTE ESCOLAR: PRIMEIRO ENCONTRO.....	13
2.2 O Licenciando Estagiário em Companhia do Professor Regente.....	19
2.3 Desdobramentos do Estágio Supervisionado II: Preparação e Regência de Aulas de História.....	23
3 O PIBID E A EXPERIÊNCIA PRÁTICA PARA ALÉM DOS ESTÁGIOS	27
3.1 Inserção e Primeiras Medidas em Ambiente Escolar.....	29
3.2 O Início das Aulas de Regência.....	31
3.3 Atividades Extracurriculares.....	35
4. O PRP, EM MEIO CONTEXTO DE PANDEMIA DO COVID-19	39
4.1 Peculiaridades do Ambiente de Ensino Remoto Emergencial.....	41
4.2 PRP, Adaptações do Ensino Presencial para o Ambiente Virtual.....	44
4.3 Regência de Aulas de História e Procedimentos Avaliativos.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado se posiciona como um importante instrumento pedagógico para o formando, permitindo que já durante o período de formação dos profissionais da área da educação, seja construída uma melhor concepção do funcionamento de uma realidade escolar. Principalmente, levando-se em consideração as constantes mudanças sociais as quais os alunos vão passando ao longo do tempo.

Desse modo, posicionando a atuação prática já durante a formação do educador, é uma oportunidade de aplicar e testar os conhecimentos adquiridos durante sua trajetória acadêmica. Assim como analisar se a área de atuação a qual escolheu, se encaixa com seu perfil e objetivos no longo prazo.

Mesmo as teorias pedagógicas sendo de extrema importância para a formação dos futuros educadores, é durante a vivência prática executada no decorrer dos estágios, a possibilidade de conceber uma melhor visão sobre a realidade a qual vai se deparar pós-formação. Aspecto esse que se estende do perfil da geração atual de alunos até os possíveis recursos disponíveis com os quais terão para o desenvolvimento de seu trabalho.

Nesse sentido, o primeiro capítulo da presente monografia tem por objetivo relatar e refletir sobre as experiências e descobertas desenvolvidas durante o decorrer dos estágios (I, II e III), estando o percurso metodológico ligado a observações, interpretações e análises de dados acumulados durante a visita para as distintas instituições de ensino. Não somente dos estágios, mas também criando pontos paralelos com a escola visitada durante o PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência), programa no qual, sua participação ocorreu em conjunto com os estágios I e II.

O segundo capítulo possui como foco principal a abordagem e reflexão sobre as experiências praticadas durante o decorrer do PIBID. Programa que permitiu uma expansão do período de acompanhamento em ambiente escolar, possibilitando além das regências, uma melhor vivência sobre os demais aspectos dos bastidores do cotidiano da profissão docente.

Mesmo que o estágio já permita vivenciar a realidade presente em sala de aula, seu curto período de tempo de visita às instituições de ensino não permite que o formando acompanhe todo o processo realizado durante o decorrer de um ano letivo. Indo de seu início, com a formação do planejamento letivo anual, até o período de avaliação e reavaliações finais dos alunos. Tempo que permite ao futuro docente, se sentir parte integral do “ecossistema” escolar, e não somente um breve visitante.

Já o PIBID, permitindo aprofundar a relação com a escola visitada, a ponto de distinguir não somente o perfil das salas de aula em geral, mas também conhecer os alunos pelo nome, suas características, dificuldades e objetivos, e com esse conhecimento se estendendo aos membros e profissionais do colégio, porteiro, coordenadores, diretores, professores e assim por diante. Ao mesmo tempo em que também acumula em conjunto um maior conhecimento sobre seu próprio perfil educacional, enquanto lida com o surgimento de obstáculos e a realização de práticas para contorná-las.

As experiências que receberam destaque no segundo capítulo, são a primeira regência desenvolvida, que teve sua formulação não somente levando em consideração o perfil da sala de aula, mas também as mudanças pelas quais os alunos passavam, dependendo do horário em que a aula de história era aplicada. Aula a qual, contou com desenvolvimento e uso de um mapa.

Outra experiência abordada no decorrer do capítulo, ficou em torno da realização de uma atividade interdisciplinar que buscava fazer um *tour* por vários pontos da cidade de Maceió enquanto os interligava com os conteúdos trabalhados anteriormente na disciplina de história e geografia.

Por fim, o terceiro capítulo foi destinado para a reflexão sobre o período de participação no PRP (Programa Residência Pedagógica), outro programa universitário que tem como objetivo aproximar a relação entre a teoria apresentada na universidade e a prática diária do profissional docente. Programa que na edição de 2020-2021, em que participei, acabou passando por uma grande mudança ocasionada pelo surgimento e aumento no número de contaminações pelo coronavírus (Covid-19). Possuindo como uma das principais medidas para a diminuição das contaminações, o isolamento social.

A necessidade do isolamento social alterou diferentes aspectos da sociedade e com a área da educação não foi diferente, sendo necessário um conjunto de medidas de adaptações para lidar com a nova realidade. Entre essas medidas a de principal destaque foi aderir ao modelo de ensino remoto, forma encontrada pelos educadores para dar continuidade ao trabalho ao mesmo tempo em que se estabelecia uma maior segurança, tanto para os profissionais da educação quanto para os estudantes.

Formato educacional esse, que trouxe consigo uma série de novas problemáticas a serem superadas, exigindo dos educadores e alunos uma constante prática de adaptação. Contexto ao qual foi abordado durante o terceiro capítulo, refletindo sobre suas consequências e medidas praticadas em ambiente virtual para contorná-las. Trazendo consigo também uma análise sobre as ferramentas que o ambiente escolar possuía a respeito do ambiente virtual e a própria viabilidade ou não do ensino remoto na rede de educação básica.

2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA EM DIALOGO COM O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

“A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber”.

Paulo Freire

Previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (LDB, 1996)¹, o estágio supervisionado é indicado como uma ótima oportunidade para o discente da área de educação, mas, que também se faz presente nas demais áreas do conhecimento, necessário na construção da identidade profissional dos graduandos, aproximando-os do seu futuro campo de atuação. No caso dos profissionais da Educação, trata-se de oportunizar a familiarização do estudante com o ambiente escolar, enquanto frequenta as aulas na universidade, permitindo, decerto o diálogo entre as atividades teóricas e práticas numa relação dialógicas entre o que foi ensinado e o que foi vivenciado tanto no espaço acadêmico quanto na escola-campo de estágio.

Nesse aspecto, interessa nos pontuar que as possibilidades permitidas durante a realização dos estágios supervisionados obrigatórios estão para além das comparações entre teoria e prática, as vivências e experiências didáticas dos graduandos no âmbito das escolas tende a reafirmar a oportunidade de conhecer os estudantes das escolas, assim como desenvolver habilidades de como lidar com o público que lhe espera em seu futuro local trabalho, considerando as constantes mudanças pelas quais passam as diferentes gerações no tempo e no espaço, formas de pensamentos, comportamentos, desejo de aprender, de criar, de se libertar, são alguns ingredientes que professor de história deve se ater no ato de ensinar e de aprender. Em outras palavras, conforme o mestre Freire (2002) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Portanto, ao considerar que o estágio supervisionado tem início na metade do curso de graduação em História, no caso da Licenciatura da UFAL, especificamente

¹ LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

no 5º período, observando-se que a realização dos mesmos tem ocorrido paralelamente, mas, também em diálogo com programas institucionais credenciados pela própria Universidade Federal de Alagoas nos últimos anos com intuito de viabilizar uma formação sólida dos seus futuros professores.

Destaque-se a atuação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFAL/História) presente no curso desde os anos de 2012, com algumas publicações e reconhecimento formativo dado ao seu caráter teórico e prático, assim como a presença do Programa Residência Pedagógica (PRP), presente no curso desde 2018.

O excerto leva-nos a refletir que as ações pedagógicas implementadas pelo PIBID em diálogo com o Projeto Político Pedagógico do Curso de História (UFAL), têm propiciado aos graduandos(as) em história uma melhor adesão ao trabalho docente, para além das ações didático-pedagógicas do currículo do curso. O PIBID e outros Programas como PIBIC, servem também de suporte para manutenção dos/as estudantes no curso, que em sua maioria, possuem rendas familiares muito baixas, que inviabiliza a sua permanência fora de casa para estudar. Nesse sentido, compreendemos que o Programa desvela oportunidades aos estudantes de identificação com a docência, com o seu futuro local de trabalho, somando-se as ações até então já desenvolvidas pelo Estágio Supervisionado Obrigatório, construindo pontes para o enfrentamento dos desafios inerentes aos fazeres da docência. Nesse ínterim, compreendemos ainda, que o PIBID tem sido um espaço privilegiado “para implementar e fortalecer ações efetivas de formação de professores(as), ampliando experiências significativas sobre a relação universidade e escola pública” (RUBO et al., 2015, p. 160). Corroborando as preocupações de Nóvoa quanto ao futuro da docência (BEZERRA; SILVA; SODÓ, 2020, pp. 170-171).

Notadamente, os dois subprojetos apresentados pelo curso de história têm desenvolvido junto aos discentes experiências enriquecedoras quanto a nossa formação e exercício profissional.

2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O ESTÁGIÁRIO NO AMBIENTE ESCOLAR: PRIMEIRO ENCONTRO

Ao ser inserido no Estágio Supervisionado I, deparamo-nos com a apresentação de algumas práticas e experiências, assim como algumas minúcias e bastidores do exercício da docência. Sobre aquele primeiro momento destaco as orientações de ordem burocrática em que se fizeram notar os documentos externos, internos e gerais que norteiam o trabalho do professor em sala de aula, tais como: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Projeto Político Pedagógico (PPP) da

escola, desvelando o entendimento de que para o bem ou para o mal, o exercício da docência mesmo sendo em sua base um reflexo de quem a realiza, este não se limita tão somente as convicções do docente que a implementa em sala de aula cotidianamente.

Observando-se que as orientações recebidas naquele primeiro momento do estágio que estava voltado às questões externas e complementares ao futuro ambiente de trabalho do estagiário – docente em História. Era, o momento de visitar a intuição de ensino, a escola para ser mais direto, buscando naquele momento fazer um estudo de campo, observar as interfaces dos fazeres da docência para posterior análise. Fomos orientados a observar questões internas, especialmente as características da escola enquanto estrutura responsável pelo acolhimento e permanência dos estudantes, mas, também, as ações pedagógicas de caráter teórico e prático do professor e supervisor *in loco*.

Assim, a escola na qual solicitei e realizei o estágio supervisionado foi a Escola Estadual Girassol do Vale², local em que cursei a segunda etapa do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Foi uma oportunidade de retornar à minha antiga escola, porém com um olhar diferenciado acerca do processo de ensino e aprendizagem e dos materiais disponibilizados para as ações pedagógicas dos professores.

Para tanto, as reflexões acerca da qualidade do ensino básico em ambiente escolar podem proporcionar e/ou auxiliar o professor nas ações pedagógicas em sala de aula, além das ferramentas disponíveis nas escolas. Destaco aqui que há estudos no campo da arquitetura que possibilita o reconhecimento de estruturas ambientais propícias ao aprendizado, documentadas no Relatório *Better Spaces For Learning*³. O referido relatório aponta uma correlação entre a arquitetura do prédio escolar e a qualidade de ensino ali desenvolvido, estimando que a produtividade no que tange ao ato de ensinar, este chega ganhar em até 15% em espaços bem projetados, além de incentivar um melhor comportamento dos alunos.

² Esse nome é fictício, utilizo essa categoria de análise com intuito de preservar o nome do professor, bem como o nome da instituição, o que possibilita mais de liberdade para analisar alguns aspectos problemáticos do exercício da docência.

³ Segundo Relatório elaborado pelo *Royal Institute of british architects* denominado *Better spaces for learning*, (em tradução livre): as escolas são os “melhores espaços para aprender”. Disponível em: <<https://habitusbrasil.com/arquitetura-escolar-qualidade-de-ensino/>> Acesso em 20 agosto, 2022.

Um bom projeto escolar é comprovadamente capaz de alcançar melhores resultados com o mesmo custo. É, portanto, uma das mais importantes coisas que os governos podem fazer para garantir que o financiamento de capital para as escolas gere valor para o dinheiro que foi investido (PLOTKA, 2016).

A despeito do aspecto estrutural da escola observada - *Girassol do Vale*, como já mencionada anteriormente, à época contava com um ambiente razoável para a aprendizagem, característica que não se fizeram presente nas demais escolas por onde passei nos demais estágios (2, 3, 4) e/ou mesmo em que os Programas Institucionais de Formação de Professores: PIBID e PRP, programas que serão nas próximas seções desse trabalho.

Retomando a discussão acerca da escola observada, destaco alguns pontos presentes nessa escola que não aparecem nas demais. O principal aspecto a ser destacado é a inexistência de ruídos no decorrer das aulas, característica prevista na elaboração da planta do colégio evitando a projeção das portas das salas de aulas uma em frente da outra, evitando assim corredores e barulhos de pessoas transitando, aspecto não presente nas demais unidades educacionais por onde passei ao longo dos quatro estágios.

Outro aspecto interessante a ser notado é o posicionamento entre as salas de aula e o pátio da escola usado como ambiente de socialização e recreação dos estudantes nos intervalos e/ou aulas vagas. Diferentemente da questão sonora, a ventilação nas salas de aula não tem nada que diferencia dos aspectos observados na demais escolas acompanhadas, tanto nos estágios como nos programas do PIBID e PRP.

Considerando esses aspectos físicos do prédio escolar, observa-se a presença de uma biblioteca, um laboratório de informática, uma quadra esportiva, e demais ambientes básicos do prédio apropriados para ações pedagógicas de ensino. No tocante, às características físicas do prédio da Escola Girassol foram consideradas no momento em que a mesma foi selecionada como escola de ensino em tempo integral, realidade que se diferencia da escola vizinha a então Escola Estadual Lírios do Vale, que apesar de estarem próximas geograficamente, estas não apresentam as mesmas características físicas.

Interessante observar que à medida que o PIBID/História, edição 2018 se desenvolvia na Escola Lírios do Campo, o estágio supervisionado também acontecia, sendo possível ligeira comparação entre os dois ambientes de ensino,

tornando-se visíveis as diferenças—entre os dois ambientes de salas de aula, principalmente no que se refere ao ensino de tempo integral.

O Programa Alagoano de Ensino Integral – PALEI, instituído pelo Decreto nº 40.207 de 20 de abril de 2015 e reestruturado pelo Decreto nº 50.331 de 12 de setembro de 2016, tem como objetivos:

- I - Assegurar o desenvolvimento integral dos estudantes do ensino médio, considerando suas diferentes necessidades e promovendo a formação de sujeitos capazes de se inserir de forma crítica e autônoma na sociedade;
- II - Elevar a qualidade de ensino;
- III - preparar o jovem para o exercício da cidadania, para o mundo do trabalho e vida acadêmica;
- IV - Formar indivíduos autônomos, solidários e competentes;
- V - Intensificar as oportunidades de socialização da instituição, garantindo à comunidade escolar a interação com diversos grupos e valorizando a diversidade;
- VI - Proporcionar ao estudante acesso e alternativas de ação nos campos social, cultural, esportivo e da informação; e
- VII - promover a participação das famílias e dos vários segmentos da sociedade civil no processo educativo dos estudantes, fortalecendo a relação entre escolas e comunidades nos diferentes territórios (GOVERNO DE ALAGOAS, 2019, p. 11).

Como o próprio nome dar a entender as escolas de ensino em tempo integral, tem como propósito estender o período de tempo em que os estudantes estiverem no ambiente escolar em atividades de estudo regular, participação em projetos e atividades culturais extras. Assim, os objetivos dessa escola de tempo integral acabam criando quase que automaticamente a necessidade de maior disponibilidade de recursos nas unidades escolares em que essa modalidade de ensino for implementada.

Esses investimentos tendem a criar alguns questionamentos, pois, a experiência que tive na condição de estagiário evidenciou algumas problemáticas no transcorrer do estágio supervisionado I quando simultaneamente eu frequentava a Escola Girassol e Lírios do Vale, ficando claro que a primeira escola foi selecionada para o ensino de tempo integral por conta das condições necessárias até então ambientadas para essa modalidade de ensino.

Percebe-se que a escola em questão já possuía uma série de recursos técnicos e infraestrutura razoavelmente tolerada para a mudança, mas também acabou forçando a entrada de mais recursos, provavelmente inviabilizando a ambientação de outras unidades de ensino que não eram de tempo integral. Por exemplo, notei ligeira discrepância em alguns equipamentos de ar condicionado nas

duas escolas aqui mencionadas, enquanto a Escola Girassol que ofertava o ensino de tempo integral contava com salas bem refrigeradas, possuindo dois equipamentos de ar condicionados, a escola Lírios do Vale que não era ensino de tempo integral, os estudantes agonizavam com o calor, pois havia alguns ventiladores que em sua maioria passavam por dificuldade de funcionamento por falta de manutenção.

Dessa maneira, torna-se inegável algumas características físicas positivas ocasionadas em torno da escolha daquela unidade escolar por conta do ensino de tempo integral, benefícios são percebidos em algumas pesquisas, destaque-se a pesquisa intitulada: “mais integral, mais oportunidades”⁴, realizada pelo Laboratório de Pesquisa e Avaliação em Aprendizagem da Fundação Getúlio Vargas (LEARN/FGV). A referida pesquisa foi realizada usando como base algumas entrevistas dos estudantes que frequentaram o Ensino Médio entre os anos de 2009 e 2014, sujeitos que frequentaram tanto escolas de tempo integral quanto escolas de tempos parciais pertencentes a rede regular de ensino do estado de Pernambuco.

Um dos recortes dessa pesquisa atribui vantagem de aprendizagem para os estudantes que cursaram a escola de tempo integral, percebendo haver uma maior possibilidade destes ingressarem no ensino superior, e obterem, assim, melhores condições de salários com a profissão escolhida, dentre outros que não tiveram a oportunidade de aprovação e ingresso no ensino superior.

De acordo com o levantamento, alunos formados em escolas de tempo integral têm 63% de chance de entrar no ensino superior, enquanto os de escolas de tempo parcial têm 46%. A diferença é de 17 pontos percentuais (FGV, 2019, s/p).

Apesar da leitura positiva dos dados pelo LEARN/FGV, indica-se, ainda que tais vantagens acerca do ensino de tempo integral não inviabiliza as devidas críticas, principalmente quando pensamos os caminhos percorridos na forma de implantação em toda rede, notando-se alguns equívocos. A introdução nas escolas do ensino de período de tempo integral, figurou como uma espécie de "termômetro" em relação ao avanço na área da educação.

⁴ Disponível em <https://eesp.fgv.br/noticia/educacao-em-tempo-integral-garante-diminuicao-das-diferencas-sociais> Acesso em 22 agosto de 2022.

Tal perspectiva ganha relevo em ano eleitoral por meio de divulgação de informações pelos próprios governos, em notícias veiculadas na imprensa.⁵ De acordo com informações do Governo do Estado de Alagoas, para o ano letivo de 2022 houve um aumento de 45 escolas com ensino de tempo integral, totalizando 107 unidades escolares com ensino de tempo integral em todo o estado, portanto, segundo o governo, aproxima-se do cumprimento—da meta 6 prevista no Plano Estadual de Educação.

Meta 6: Garantir educação integral em todos os níveis e modalidades de ensino e assegurar educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica (GOVERNO DO ESTADO DE ALAGOAS, 2016, p. 21).

Neste documento está previsto que até o ano de 2025, 50% das unidades educacionais da rede regular de ensino de Alagoas haverão de ofertar o ensino em tempo integral. Notadamente, devemos nos atentar que o desafio não está circunscrito tão somente ao quantitativo de escolas que ofertarão modalidade de ensino, mas devemos ficar vigilantes a respeito da qualidade do ensino ofertado, não somente a quantidade de escolas. Devemos, é certo, olhar com cautela para as escolas que não são de ensino de tempo integral.

Assim, é interessante considerar outros aspectos acerca da estrutura das escolas que ofertam o ensino de tempo integral, que apesar dos seus aspectos positivos, nota-se a necessidade de se discutir a sua viabilidade sem negligenciar outros turnos de aulas na escola no mesmo bairro.

Por exemplo, a ausência de oferta de turmas de aula no horário noturno! Percebe-se ligeira possibilidade de afastamento de estudantes trabalhadores que às vezes se matriculam a noite em escolas nas circunvizinhanças para iniciar o terminar a conclusão do ensino fundamental e/ou médio. Outra questão que se deve considerar é a infraestrutura de prédio, recursos materiais e pedagógicos, recreativo, lazer e cultura, assim como as mais variadas refeições a serem ofertados aos estudantes que se encontram em educação de tempo integral.

Dessa forma, minha inquietação nesse aspecto foca na realidade presenciada na Escola Estadual Lírio do Vale que não foi indicada para ofertar o ensino em

⁵ Disponível em <https://www.correiodosmunicipios-al.com.br/2022/02/rede-estadual-de-alagoas-leva-ensino-integral-para-mais-45-escolas-e-15-municipios> acesso em 22 agosto de 2022.

tempo integral dado a sua estrutura, mas que igualmente necessita de investimento assegurando um ensino de melhor qualidade para a sua comunidade, no sentido não se distanciar do que está posto na Carta Constitucional de 1988 em seu Artigo 206:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V - Valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

VI - Gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - Garantia de padrão de qualidade.

VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

IX - Garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 108, de 2020)

Parágrafo único. A lei disporá sobre as categorias de trabalhadores considerados profissionais da educação básica e sobre a fixação de prazo para a elaboração ou adequação de seus planos de carreira, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006) (BRASIL, 1988)

De modo que como é possível observar no mesmo, é definido o padrão de qualidade do ensino enquanto um dos seus princípios fundamentais de responsabilidades de acordo com a Carta Constitucional de 1988.

2.2 O LICENCIANDO ESTAGIÁRIO EM COMPANHIA DO PROFESSOR REGENTE

Sob a orientação do professor coordenador de estágio, fomos encaminhados para as escolas para realizarmos a observação do nosso futuro local de trabalho. Para tanto, a princípio atentarmos para a infraestrutura das escolas, assim como para a postura dos professores diante dos desafios de ministrar as aulas de história, atentando-nos para os procedimentos didáticos e metodológicos usados pelos professores em sala aula. Sem dúvida naquela ocasião nos deparamos com uma ótima oportunidade de percebermos o diálogo entre a teoria e a prática, buscando não somente refletir perceber como as teorias são colocadas em prática pelo

professor regente, mas, também, no sentido de nos levar a formular percepções concretas sobre o tipo de profissional que desejamos nos tornarmos.

Assim, assinalo que o docente que eu acompanhei no percurso das aulas de observação em história foi o professor A⁶, profissional responsável pelas turmas do 1º ano A, B, C do Ensino Médio no período matutino. Portanto, ao iniciar um novo conteúdo com as turmas, a primeira ação pedagógica por parte do professor foi mapear os conceitos e informações prévias dos alunos sobre o conteúdo apresentado naquele instante.

Segundo o professor, os conhecimentos prévios dos estudantes são usados como ponto de partida para a aprendizagem dos alunos, mas também é um instrumento que auxilia na construção e exposição da aula. Naquela ocasião pude observar que a postura assumida pelos alunos sobre a abordagem dos conteúdos usada pelo professor foi de bastante participação, precisando em algum momento a interferência do professor no sentido de recuperar o ponto do conteúdo, pois os alunos já estavam indo para outros caminhos da aula.

A percepção do professor em considerar as aprendizagens dos estudantes sobre o tema apresentado é de extrema importância como observado por Jean Piaget (1987), afirmando que “para que um novo instrumento lógico se construa, é preciso sempre instrumentos lógicos preliminares; quer dizer que a construção de uma nova noção suporá sempre substratos, subestruturas anteriores” (PIAGET, 1987, P. 215).

Dessa forma, por se tratar de uma atividade até certo ponto básica, pode vir a ser deixada de lado, sobretudo quando se consideramos a rotina e o cronograma de trabalho das instituições de ensino.

Portanto, nas aulas subsequentes, o professor deve sempre incentivar a participação dos estudantes na problematização das temáticas a serem trabalhadas em sala, propondo debates, questionamentos e reflexões constantes em torno dos pontos abordados nas aulas anteriores no sentido de verificar as percepções de apreensão dos conteúdos por parte dos estudantes.

Importante sublinhar que durante as aulas que acompanhei o professor com suas turmas, o mesmo sempre utilizava um *notebook* conectado a um projetor como instrumento didático nas aulas. Porém, deve se atentar, ainda, que muito tempo da

⁶ Assim como para as escolas, utilizei a categoria alfabética para indicar os nomes dos professores supervisores nas escolas por onde passei, assim, fico mais à vontade para tecer as considerações acerca do que observei.

aula era perdido com a montagem dos equipamentos que grosso modo, ajudava e muito na projeção de resumos, imagens e exercícios sobre os conteúdos trabalhados. Assim, para se evitar desperdício da aula com a montagem de equipamentos, o ideal seria que as salas de aulas tivessem esses equipamentos instalados em salas de aulas, pelo menos em algumas delas identificada como sala de recursos interdisciplinares.

Sob a minha percepção, a utilização do projetor se mostrou como uma ferramenta importante no trabalho do professor em sala de aula, mas que infelizmente seu uso não está ligado somente ao desejo ou não do docente em utilizá-lo, já que os preços de um destes equipamentos - *notebook* e projetor é relativamente elevado para os níveis de salários dos professores da educação básica no estado de Alagoas, bem como outros impedimentos como a forma de locomoção dos objetos até a escola, considerando que o transporte público utilizado por parte dos professores é precarizado além dos riscos com assaltos.

Sob as variadas formas de avaliação utilizada pelo professor A, notei que o mesmo valorizava instrumentos distintos, destaquem-se as tradicionais dissertações, provas com questões fechadas e de múltipla escolha. Assim, com o auxílio do projetor conectado ao *notebook*, como citado anteriormente, o processo de avaliação era quase que diária, se apresentando uma série de perguntas aos estudantes com o gabarito das respostas no *slide* posterior. Notadamente, essas respostas eram reveladas após a realização das discussões entre os estudantes mediadas pelo professor. Outro instrumento de avaliação foi o desenvolvimento de jogos em que temáticas de história eram trabalhadas. Assim, a atividade se iniciava com a divisão dos estudantes em equipes e eles tinham como objetivo a formulação dos jogos: caça palavras e palavras cruzadas que seriam respondidos pelos demais estudantes de outras turmas da escola nas quais o professor ministrava aulas.

No ato de avaliar muitas demandas são posicionadas, inclusive o ato de julgar determinada forma de avaliação, pois é tarefa se o conteúdo foi apresentado e trabalhado adequadamente, considerando, enfim, que a seleção e escolhas dos mesmos está ligada a outros fatores de cunho social, político e cultural no sentido de melhor aproximar os estudantes dos mesmos. O próprio conceito do que seria uma avaliação acaba se desdobrando em várias outras visões. Assim, a ideia para discorrer sobre a eficácia ou não de um determinado formato de avaliação utilizado

pelo professor que acompanhei sob a perspectiva de SANT' ANNA (1995), uma avaliação consiste em um.

processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou seja este teórico (mental) ou prático (SANTANNA, 1995, pp. 31,32).

A partir desse conceito, percebe-se que o ato da avaliar não deve ser direcionado apenas aos alunos, mas também aos educadores, assim como as e instituição de ensino a qual os dois seguimentos estão vinculados, cabendo, assim a tarefa de uma possível auto avaliação por parte dos próprios professores. Dessa maneira, ao realizar os questionários necessários sobre a temática projetando-se os *slides* ao termino de cada aula, o professor regente conseguia obter um *feedback* um pouco aligeirado por parte dos estudantes, embora as informações ainda estivessem bem frescas em suas mentes. Essa ação pedagógica empreendida pelo professor poderia elaborar algum tipo de “reforço” promovendo retomadas a alguns trechos do conteúdo trabalhado e/ou até mesmo, revisando de forma mais lenta sob os aspectos em que os estudantes apresentaram maiores dificuldades no entendimento.

Outro aspecto interessante acerca do formato de avaliação feita pelo professor supervisor, era o incentivo constante da discussão e debate mobilizando os alunos, considerando que se tratava de uma pergunta projetada no *slide* e aberta a turma, elevava o debate assegurando diferentes e promissoras respostas já que compartilhamos da ideia de os saberes apreendidos pelos estudantes não vem apenas do professor, mas também de seus próprios colegas, os quais podem conversar, tirar dúvidas e refletir acerca do conteúdo trabalhado e observado em contexto de sala de aula.

Quanto a alguns aspectos pouco significativos em torno desse formato de avaliação é a dificuldade de individualizar a aprendizagem dos sujeitos, a análise do processo do que e do quanto ele aprendeu, pois observei que quase todos os alunos respondiam oralmente as questões elaboradas e projetadas em *slides* pelo professor, inviabilizando a percepção de aprendizagem individualmente, sobretudo daqueles que não responderam por motivos de timidez e/ou insegurança. Porém, apesar desse impedimento avaliativo individualmente, outras formas de avaliação

um tanto o quanto tradicionais como, provas individuais de cunho discursiva e/ou de múltiplas escolhas foi acionada pelo professor. Para Hoffmann (2012), a avaliação deve:

Possibilitar aos alunos expor suas ideias e criatividade; Criar debates a partir de uma situação problema, com o intuito de fazer que os alunos avaliem prováveis soluções; Oportunizar aos alunos tarefas individuais, procurando ouvi-los e valorizar as suas ideias; Realizar debates sobre as tarefas dos alunos identificando dificuldades e realizando conversas tendo como objetivo levá-los a observar falhas e analisar melhores soluções; Favorecer ao aluno a construir um aprendizado significativo; Transformar os registros de avaliação, em anotações significativas, sobre o acompanhamentos dos alunos em seu processo de construção do conhecimento (HOFFMANN, 2011, p.17).

Por fim, a experiência com a observação de aulas conduzidas pelo professor regente tornou-se esclarecedoras nos dias de visita e permanência na Escola Estadual Girassol do Vale mesmo que de forma breve, me permitiu compreender na prática a rotina vivenciada por um educador no âmbito de uma escola da rede pública de ensino. Além disso, me fez refletir que apesar daquele professor (A) já se encontrar no exercício da profissão há algum tempo, o mesmo tem buscado recorrido a variadas formas de metodologias e recursos para ensinar e avaliar os estudantes.

2.3 DESDOBRAMENTOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II: PREPARAÇÃO E REGÊNCIA DE AULAS DE HISTÓRIA

Como assinalado anteriormente, o contato com a escola e observações de aulas se deram no Estágio Supervisionado I. No tocante ao segundo, a nossa orientação se voltou para reflexões teóricas no sentido de melhor compreender as nuances do contexto de sala de aula, para então retomar as regências nas etapas três e quatro do Estágio Supervisionado. Esse momento, enfim, buscou-se focar nas atividades formativas pré aula, quando a disciplina em tela buscou orientar os estagiários para outras possíveis formas de uso e de distintas abordagens dos conteúdos específicos da nossa formação, considerando, inclusive a elaboração de planos de aulas, instrumento importante na condução do trabalho docente.

O Estágio II nos levou a reflexão de que o conteúdo a ser trabalho na sala de aula é de suma importância a sua problematização, deve ser ponto relevante diante

da necessidade de aprendizagem dos alunos, considerando, inclusive as variáveis que perpassam o ambiente interno e externo de aprendizagem dos alunos.

Uma das referenciais trazidas pela disciplina foi o texto de Bittencourt (2008), intitulado “Ensino de História Fundamentos e Métodos”, especialmente a seção 3 quando a autora nos proporciona uma série de formatos e possibilidades no que tange a apresentação e problematização dos conteúdos. A utilização de linguagens diferenciadas, como filmes, museus, fotografias, músicas são defendidas pela autora como ferramentas interessantes na construção de uma aula de história que não fique presa tão somente a um formato de apresentação do conteúdo, mais que busque priorizar um processo mutável e distinto das já tradicionais aulas expositivas.

Segundo a autora, mesmo com uma boa quantidade de possíveis abordagens, a eficácia de sua execução está totalmente ligada a um bom planejamento prévio, tarefa que deve ser realizada na construção do plano de aula, documento que foi amplamente trabalhado no Estágio Supervisionado II.

Interessante sinalizar que a ação do planejamento se faz presente até mesmo nas ações cotidianas, o simples fato de locomoção de um ponto A ao ponto B, traz consigo questões em torno do caminho que irá percorrer o tempo que será necessário e, assim por diante. Sendo assim, a apresentação de um novo conteúdo para a turma, com ele surge uma série de questionamentos que devem ser pensados durante a elaboração do plano de aula.

Libâneo (1994), assinala que:

O planejamento é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. (LIBÂNEO, 1994, p.221).

Sendo uma das principais atividades avaliativas realizadas durante o Estágio Supervisionado II, o desenvolvimento do plano de aula deveria considerar todos os pontos que se desdobram no ato de planejar aulas. Destaque-se: o público alvo ao qual o plano se destina; a quantidade de aulas; os objetivos, a forma de avaliação, bem como a metodologia da aula BUTT (1997).

Nesse aspecto, entendo que o plano de aula é um instrumento tão significativo quanto qualquer outro utilizado pelos profissionais da educação no ato de ensinar, considerando o livro didático, o quadro, assim como as demais ferramentas usadas diariamente na sala de aula. Ressalta-se que, mesmo que haja a

possibilidade de realizar uma aula sem o uso do planejamento, sem dúvida a sua ausência pode deixar a aula um tanto quanto desorganizada ou até mesmo uma aula "genérica", já que o imprevisto não irá considerar as peculiaridades e necessidades da turma a qual a aula se destinava.

A título de exemplo, a elaboração de um plano de aula focando o Museu como espaço de aprendizagem por considerar a riqueza do acervo disponível nos museus do município de Maceió, além de reforçar a construção de reflexões acerca enquanto espaço não apenas de preservação da memória, mas também de investigação científica, portanto local de aprendizagem histórica a partir de questionamentos e ressignificação dos objetos ali preservados, uma tentativa de aproximar os estudantes dessa memória material no sentido de fomentar o sentimento de pertencimento dos mesmos. De acordo com Bittecourt (2008, p. 327) “recorrer ao uso de documentos nas aulas de história pode ser importante, por favorecer a introdução do aluno no pensamento histórico, a iniciação aos próprios métodos de trabalho do historiador”.

Consoante a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assinala a importância de estudos voltados com o patrimônio histórico e local de memória no âmbito regional. Nesse aspecto, o uso desses lugares de memória como eixo norteador da proposta didática de aula, deve estar ligado ao potencial da proposta, assim como a sua aderência ao desenvolvimento do corpo discente. Não usando esse espaço simplesmente na busca de cumprir uma citação da BNCC, ou apenas como um espaço diferente com curiosidades para quebrar a rotina diária das salas de aulas.

Observa-se, assim, que o Museu Theo Brandão foi criado em 20 de agosto de 1975 e seu nome foi uma homenagem ao professor, médico e folclorista, Theotônio Brandão Vilela⁷ o qual realizou a doação de uma enorme coleção de arte popular, para a então Universidade Federal de Alagoas. No acervo deste Museu é possível encontrar uma série de obras alagoanas, que auxiliam e fazem parte da construção da identidade do povo alagoano, sendo este um dos principais aspectos considerado para à visitação dos estudantes por possibilitar aos alunos a oportunidade de conhecerem parte da cultura alagoana para uma posterior discussão em torno da importância da cultura de outros povos.

⁷ Disponível em <https://ufal.br/ufal/extensao/equipamentos-culturais/museus/museu-theo-brandao>
Acesso em 21 julho de 2022

A proposta de aprendizagem presente no plano de aula estava circunscrita ao questionamento e reflexão sobre o conceito de nacionalidade a partir do que foi observado no espaço do museu. Para tanto, com essa atividade busca-se a ampliação da ideia por traz do termo nacionalidade, um dos conceitos centrais para o entendimento dos processos e acontecimentos durante a primeira guerra Mundial, por exemplo.

Aspecto de metodologia de ensino também defendido por Bittencourt (2008, p. 358):

Para o desenvolvimento de sensibilidades estéticas é fundamental uma aproximação do aluno com o objeto, deixando-o, expressa livremente suas impressões. Preferencialmente, deve ser-lhe possibilitado um contato físico com as peças, estimulando sempre suas impressões e favorecendo uma compreensão global proveniente de seu conhecimento intuitivo.

A autora também reforça que a bagagem cultura do aluno traz elementos essenciais para a “descoberta do objeto”, que pode ser apreendido com o auxílio de observação livre ou dirigida. Essa observação permite a descrição do objeto, a comparação, a fim de denominar a tipologia e a sua classificação. A última etapa do método de sensibilidades estéticas descrito por Bittencourt (2008) é o da síntese, ou seja, a suposição de que o aluno alcançou conhecimento capaz de reconstruir e explicar o objeto em outra dimensão.

3 O PIBID E A EXPERIÊNCIA PRÁTICA PARA ALÉM DOS ESTÁGIOS

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender⁸”

Paulo Freire

A realização da docência em sua forma prática, com certeza não é algo que nem os mais experientes dos professores possa afirmar que tenha total e absoluto domínio, pelo simples fato desse exercício estar ligado a um conjunto de pontos variáveis, que vão além dos conteúdos e metodologias. Pontos como o perfil apresentado pelos estudantes, aspectos que se relacionam a não somente seu nível de conhecimento, mas também as mudanças sociais pelas quais sua geração passou e está passando. Um bom exemplo para que isso seja dimensionado, são os alunos da “Geração Z”, que inseridos em meio a um mundo cada vez mais digital, apresentam singularidades específicas a serem pensadas durante a elaboração do formato da abordagem de conteúdo.

O aumento da popularização da internet viabilizou um grande número de ferramentas e possibilidades em torno do processo de aprendizagem, sendo uma das principais, a facilidade e rapidez ao acesso as informações. Mas sua popularização infelizmente não apresenta apenas fatores de auxílio para a aprendizagem, estando ligada também a novas questões e problemáticas que necessitam serem contornadas pelo profissional docente.

Exemplos que podem ser citados, são o gradativo aumento na dificuldade em prender a atenção dos alunos, já que alguns acabam se tornando cada vez mais dependentes de seus dispositivos móveis, os usando de forma desacerbada. Assim como questões foras do âmbito próprio de sala de aula como o aumento nos índices de casos de depressões, *bullying* virtual, que mesmo sendo algo que não seja possível ser mensurado durante a formação acadêmica, eventualmente estará presente diante da prática docente, além dos aspectos gerais sobre as constantes mudanças, as quais o alunato passa ao longo do tempo.

As particularidades da realidade local também são de extrema importância para o entendimento do formando sobre seu futuro ambiente de trabalho. O profissional da educação que exerce sua profissão no Brasil se depara com uma

⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002 P. 25.

realidade bem abaixo do que seria a ideal, reflexo do baixo investimento do poder público. Questão essa que pode ser observada no repasse⁹ de verba para alimentação, o qual não passa por reajustes a cinco anos. Se um quesito básico como a alimentação dos alunos é negligenciado, outros aspectos como de estrutura escolar e valorização da profissão docente não seriam diferentes. Fatores que só aumentam a necessidade da formação de profissionais que não só entendam a realidade atual, mas que na medida do possível também tenham experiências que os preparem ao mercado de trabalho.

Assim como é abordado por Caimi (2015), no texto “o que precisa saber um professor de história?”, o ato de ensinar não está ligado somente ao domínio do objeto de estudo de sua disciplina, ou acumulação e entendimento das diferentes e principais teorias educacionais, mas também no entendimento sobre seu público alvo, e também uma parte primordial, o entendimento do que se é ser professor.

Conhecimento esse que só é possível ser acumulado, frequentando o maior número possível de instituições de ensino. Experiência proporcionada inicialmente pelos estágios: I, II, III e IV, ou programas de iniciação à docência como o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que permite ampliar a experiência em sala de aula, não se limitando a um específico período de tempo como ocorre nos estágios, mas sim acompanhando todo processo e mudanças de um ano letivo de ensino básico.

Mas a tarefa de provocar a mobilização intelectual dos estudantes persiste e exige que, como professores, possamos reconhecer “quem são os que aprendem”? Isso implica fundamentalmente problematizar em que consiste a tarefa de aprender, do ponto de vista do aluno, compreendendo a estrutura da cognição e os recursos cognitivos mobilizados nas diversas situações de aprendizagem (CAIMIN, 2015, p.14).

Vivências as quais serão relatadas e discutidas durante o decorrer desse capítulo de TCC, reafirmando o quanto a experiência prática é extremamente importante, principalmente no que diz respeito, em conhecer os estudantes. Considerando, que ao final da formação acadêmica, todo conteúdo histórico e pedagógico, terão em comum a busca por serem adaptados e aplicados a diferentes grupos de alunos.

⁹ G1. **Governo veta reajuste, e valor da merenda de creches e escolas públicas fica igual pelo 5º ano seguido.** Portal de Notícias, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/01/governo-veta-reajuste-e-valor-da-merenda-de-creches-e-escolas-publicas-fica-igual-pelo-5o-ano-seguido.ghtml> Acesso em 01 de dezembro de 2022.

3.1 INSERÇÃO E PRIMEIRAS MEDIDAS EM AMBIENTE ESCOLAR

O PIBID, programa que tem como uma de suas finalidades a aproximação entre o profissional em formação e a realidade e funcionamento do que futuramente será seu ambiente de trabalho, se posiciona como uma ótima forma de entender e experimentar a elaboração de estratégias docentes durante a realização de regências. Mas que infelizmente não é uma experiência que todos tenham acesso, sendo o que faz esse trabalho necessário, justamente como uma forma de compartilhar as experiências construídas durante a participação no programa.

É uma proposta de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica. Os alunos de licenciatura exercem atividades pedagógicas em escolas públicas de educação básica, contribuindo para a integração entre teoria e prática, para a aproximação entre universidades e escolas e para a melhoria de qualidade da educação brasileira. Para assegurar os resultados educacionais, os bolsistas são orientados por coordenadores de área – docentes das licenciaturas – e por supervisores – docentes das escolas públicas onde exercem suas atividades (GATTI et al., 2014, p. 5).

Mesmo que na escolha de qual curso se irá seguir não exista dúvida, possivelmente em algum momento durante a formação boa parte dos alunos se façam o questionamento, até que ponto algo que está sendo passado durante a formação, será possível ser implementado, a forma que irá aplicá-lo em sala de aula ou então se conseguirá ao fim do curso aproveitar e utilizar tudo aquilo que foi passado em seu futuro ambiente de trabalho. Mesmo com os estágios suprimindo a necessidade inicial de praticar a profissão desejada, o seu período relativamente curto, passa a sensação de que se é ainda alguém de fora e não totalmente pertencente aquele “ecossistema” visitado.

O período extenso e contínuo em sala de aula, proporcionado pelo PIBID, permite que o formando não apenas visite o decorrer de um ano letivo, mas também faça parte de todas as suas etapas. Um dos colégios atendidos durante a minha edição do programa, e no qual participei, possuía dezesseis salas de aula, uma sala de vídeo, biblioteca, almoxarifado, cozinha, sala de Informática, um laboratório de ciências, uma quadra de esportes, sala da coordenação, sala de recursos, um salão

de festas, um refeitório, uma secretaria, sala de direção, sala de materiais da educação física, e sala dos professores.

Após o período de observação e planejamento, o primeiro obstáculo encontrado foi a existência de algumas salas de aula com um número muito elevado de estudantes, realidade essa não muito diferente das demais escolas das quais visitei ao longo do curso. Além da grande lotação, algumas turmas possuíam um número relativamente alto de alunos com grande dificuldade na compreensão do conteúdo, e nessas turmas foi realizada a primeira atividade prática, a qual denominamos apadrinhamento.

O apadrinhamento consistia na divisão da turma em grupos de quatro a seis alunos, em que cada um desses grupos ficava na supervisão de um dos membros do PIBID, tendo como objetivo auxiliar o grupo ao qual foi designado. Para isso, tirando dúvidas e esclarecendo ou repetindo parte do conteúdo. Em resumo, individualizando o máximo possível a aprendizagem de cada estudante. A ação foi bem sucedida não só na melhoria da compreensão dos alunos, mas também tendo como consequência uma maior aproximação dos alunos com os membros do programa, que passaram, a ter mais liberdade e segurança para pedir auxílio e tirar suas dúvidas.

Como uma forma de contornar o anseio inicial sobre a regência, a escolha de com qual turma cada um dos membros do programa ficaria foi de extrema importância, decisão tomada com o auxílio da visão da professora supervisora, que para isso, considerou o nível de aproximação que os “Pibidianos” tiveram com cada sala de aula, designando os membros do programa para turma as quais tivessem uma boa familiaridade e compatibilidade com sua abordagem e com o perfil que a sala de aula apresentava. Proporcionando assim, uma primeira experiência de apresentação de conteúdo o mais “confortável “ possível.

Além da existência de alguns conceitos gerais compartilhados por todos os membros do programa sobre a forma pela qual iriam aplicar as aulas. Ideias como: a busca por sempre conhecer e entender os conhecimentos prévios apresentados pelos alunos em relação ao que se estar sendo estudado, nivelar a aprendizagem o máximo possível, buscando utilizar palavras simples e repeti-las até que se tivesse noção que a grande maioria dos alunos conseguiu entender o que estava sendo passado.

Antes do início da regência, decidi que além do perfil da sala, o horário e forma que as aulas eram distribuídas ao longo da semana, seria de total importância no planejamento. Já que era notória a mudança pela qual os alunos passavam dependendo do horário que a aula era aplicada.

As aulas ocorrendo durante o período da tarde, na maioria das vezes as duas primeiras, eram os melhores momentos para apresentação de conteúdo, já que os alunos por acabarem de chegar na escola mostravam uma melhor disposição para a participação, ao mesmo tempo em que também não ficavam inquietos. Realidade diferente da presenciada durante a terceira aula, que por estarem a um bom tempo sentados e aguardando o intervalo que ocorria após a terceira aula, os alunos acabavam ficando um pouco mais agitados depois do intervalo e durante as duas últimas aulas, quando os alunos apresentavam um perfil mais passivo sobre o conteúdo.

Fiquei designado em conjunto com outro membro do PIBID, pela apresentação do conteúdo de primeira guerra mundial, em uma turma do 9º ano. Turma a qual apresentava alguns alunos com uma certa dificuldade de aprendizagem, seja por conta de uma falta de conhecimento de conteúdos e conceitos apresentados anteriormente, ou por alguns alunos terem uma certa dificuldade ou desinteresse em prestar atenção.

Sobre a divisão das aulas, além de serem separadas, uma por dia e não aulas seguidas, o que acabava dificultando o decorrer da sequência da apresentação do conteúdo. Outro ponto é que as aulas ocorriam durante a terceira e quinta aula, aspectos levados em consideração durante a elaboração do plano de aula.

3.2 O INÍCIO DAS AULAS DE REGÊNCIA

A primeira regência foi realizada durante a última aula diária de uma quinta-feira. O formato escolhido foi a de uma aula “clássica”, expositiva e dialogada, que tinha como principal finalidade apresentar e discutir os principais conceitos que seriam mais utilizados no decorrer da apresentação do conteúdo. Como por exemplo: Darwinismo social, nacionalismo, imperialismo e *belle époque*.

Conceitos esses que buscou-se apresentar da forma mais simples possível, considerando que a aula na qual esses conceitos estavam sendo apresentados era uma quinta aula, logo os alunos já estariam “cansados” e dificilmente estariam dispostos a uma apresentação de um conteúdo extenso.

A segunda regência, ocorreu durante a terceira aula do dia, em que os alunos já estavam a um longo tempo sentado e um pouco mais inquietos. Foi utilizado um mapa produzido especificamente para a aula, com bonecos, colocado no centro de um círculo de mesas organizadas na sala de aula. Permitindo que os alunos se levantassem para visualizar e interagir com os bonecos. Brinquedos esses que estavam em cima e representando cada um dos principais países envolvidos no confronto, e com cores de acordo com as tonalidades das bandeiras das “principais” potências envolvida no confronto: Inglaterra e Alemanha.

Criando assim uma aula mais dinâmica em que os alunos ficariam em pé e movimentando os bonecos enquanto o conteúdo era apresentado, possibilitando que sua maior agitação, fosse direcionada para a atividade. Outro ponto a ser comentado foi uma eficiente elaboração do mapa geográfico da Europa durante o início do século XX. Ferramenta que permitiu que os estudantes visualizassem de forma mais clara a posição das fronteiras de cada país

A terceira regência que novamente seria realizada durante a última aula da quinta feira, foi utilizada com um data show na sala de vídeo da escola, apresentando apenas slides contendo imagens e não textos, visando conseguir uma maior atenção e compreensão por parte dos alunos, já que só necessitavam visualizar as imagens enquanto os aspectos da primeira guerra eram comentados.

A quarta aula seguiu a mesma linha de pensamento da segunda, mas dessa vez se criando um mapa vivo, onde a sala ficou estabelecida como a própria Europa e a cada uma das 6 fileiras foi entregue uma placa com um nome de países envolvidos no confronto. Assim também como outras placas de outros países relevantes para os membros do PIBID presentes, em que no decorrer da aulas, as fileiras eram questionadas sobre aspectos da participação na guerra do país ao qual representavam. Aproveitando assim, para a realização de uma revisão em conjunto com os estudantes.

A quinta e última regência foi destinada a uma forma de avaliação do conteúdo. O formato usado foi a realização de um *quiz*, atividade em que os estudantes deveriam formar grupos entre 5 e 6 membros, e responder questões elaboradas antecipadamente pelos bolsistas do PIBID ou pelos seus demais colegas de classe. As respostas deveriam ser respondidas oralmente, apresentando a forma pela qual assimilaram o conteúdo.

Figura 1: Segunda aula 9º ano C, Aula com mapa



Fonte: PIBID (2022)

Imagem 2: Círculo para visualização do mapa



Fonte: PIBID (2022)

A segunda experiência prática de regência aconteceu em outra turma de 9º ano, dessa vez em torno do conteúdo da Revolução Russa de 1917. A apresentação do conteúdo aconteceu normalmente, usando um primeiro momento em sala de aula para entender o conhecimento prévio que os estudantes possuíam consigo, para só

então construir em conjunto, novos conceitos em torno do período histórico trabalhado.

Nessa turma, o principal desafio apresentado ficou em torno da dificuldade dos alunos em interiorizar alguns conceitos primordiais para a continuidade do conteúdo e contexto histórico. Realidade compreensível considerando a distância e muitas das vezes superficialidade em que questões como socialismo e comunismo são visualizados. Sendo assim necessária a adesão a um formato que permitisse trabalhar e relembrar os conceitos.

Visando uma maior eficácia na compreensão em torno dos acontecimentos e contextos do período, foi elaborada uma série de placas com base de papelão, contendo algumas palavras-chave para o entendimento da revolução russa de 1917. Palavras essas, como: Czarismo, Domingo sangrento, bolcheviques, Lênin, Stalin, Socialismo, Karl Marx, entre outras presentes na elaboração de uma espécie de mapa mental interativo na sala de aula.

A atividade ocorreu durante a terceira aula do conteúdo, e além de um maior foco em torno dos conceitos do tema trabalhado, permitiu que os estudantes movessem e ligassem os pontos presentes com os demais acontecimentos.

Figura 3: 9º ano Mapa mental interativo



Fonte: PIBID (2022)

O uso do mapa mental quando usado de forma eficaz, não buscando apenas uma memorização, mas sim uma aprendizagem construtiva, pode ser um bom formato a ser usado pelos estudantes para se realizar uma recapitulação do conteúdo ao qual foi apresentado.

Ao analisar um mapa mental, é possível verificar uma série de ideias a respeito de um tema central, as quais se entrelaçam e compõem o assunto. Esse método de ensino possui alguns componentes em comum, como os tópicos com seus conteúdos, símbolos, palavras e desenhos. Normalmente os tópicos são dispostos no sentido horário. Por ser uma ferramenta de pensamento, independe de qualquer tecnologia para ser elaborado, podendo ser desenhado manualmente com a utilização de um simples lápis, traduzindo uma lista de conteúdos desordenados e exaustivos num modelo de conhecimento de fácil memorização e conteúdos sucintos e objetivos de forma ordenada (KEIDANN, 2013, p.1)

Desse modo, sendo válido destacar, que não focando apenas em decorar as palavras, mas sim entender o seu significado e a forma pela qual ele complementa e interliga os demais conceitos.

3.3 ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

Além das experiências próprias de sala de aula, programas como o PIBID e PRP, que possuem um período bem mais extenso em uma instituição quando comparado aos estágios obrigatórios, permitem a participação em ações extra sala que enriquecem o entendimento sobre o funcionamento escolar. Uma dessas vivências ocorreu em uma turma do 3º ano, em que foi realizada uma experiência em conjunto com o professor de geografia da escola, realizando um *tour* por alguns pontos com fortes aspectos históricos e geográficos no município de Maceió. Locais esses, que permitissem apresentar aos alunos a forma pela qual o conteúdo trabalhado em sala de aula se apresentava ou se conectava ao ambiente no qual fazem parte.

A atividade possuía como princípios norteadores a viabilidade e importância da realização de ações interdisciplinares, além da valorização da história local para o desenvolvimento de um ensino que não se limite nas quatro paredes da sala de aula. Mas sim, que permita que o educando observe de forma clara, como a história se conecta não somente com outras disciplinas escolares mais também com seu bairro, cidade e estado. Sobre o aspecto interdisciplinar, a tarefa de convergir duas disciplinas em um objetivo comum, só foi possível graças a um conjunto de reuniões

e planejamentos prévios, contando com total comprometimento de ambos professores.

Roda pé: [...] a metodologia interdisciplinar parte de uma liberdade científica, alicerça-se no desejo de inovar, de criar, de ir além e suscita-se na arte de pesquisar, não objetivando apenas a valorização técnico-produtiva ou material, mas sobretudo, possibilitando um acesso humano, no qual desenvolve a capacidade criativa de transformar a concreta realidade mundana e histórica numa aquisição maior de educação em seu sentido de ser no mundo (FAZENDA, 1979, p.10-18 apud BOVO, 2005 p. 02).

O resultado final das reuniões foi executado no dia 1 de julho de 2019. O itinerário histórico-geográfico contou com a apresentação dos “Pibidianos” e professores, sendo os pontos contemplados durante o percurso, apresentados individualmente por cada um dos membros, e contando com os comentários dos demais. Os lugares que receberam destaque foram: A beira da lagoa mundaú, a Foz do Salgadinho, o Misa (Museu de Imagem e Som de Alagoas), a Praça Dois Leões, a Catedral Metropolitana de Maceió, o Mirante do farol, e a Praça Pingo d' água, local o qual, fiquei responsável por apresentar.

O principal objetivo levado em consideração durante a apresentação da praça pingo d' água, ficou em torno de apresentar a importância e transformações que a praça e o bairro na qual se localiza, passaram ao longo dos anos. Sempre conectando e discutindo as modificações as quais o local passou por conta das mudanças internas e externas do país, principalmente sobre as quais foram trabalhados anteriormente em sala de aula. Um desses conceitos abordados foi a Belle Époque, conceito apresentado durante o conteúdo de Primeira Guerra Mundial e que se conectava com a praça.

Localizado no final da Avenida Siqueira Campos, no Bairro do Trapiche da Barra, a praça pingo d' água,¹⁰ já foi posicionado como um grande polo de encontros sociais, shows artísticos e comícios políticos. Praça em que também circulavam os bondes, um tipo de locomoção interessante e usada como forma de auxílio na demonstração para os alunos de como as invenções e mudanças ocorridas em determinado local, são capazes de influenciar outras localidades e países ao redor do mundo.

¹⁰ PIMENTEL, Jair Barbosa. **Trapiche da Barra**. Bairros de Maceió, 2022. Disponível em: <http://www.bairrosdemaceio.net/bairros/trapiche-da-barra#:~:text=Hist%C3%B3ria&text=Antigo%20%E2%80%9Ccaminho%20da%20vila%E2%80%9D%2C,se%20em%20capital%20da%20prov%C3%ADncia>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

A utilização de bondes elétricos ocorre em meados do final do século XIX , indo de encontro com o período denominado pelos historiadores como *Belle Époque*, época de grande euforia em torno do progresso tecnológico, que ocorria nas principais potências econômicas do continente europeu.

De meados dos anos 1890 à Grande Guerra, a orquestra econômica mundial tocou no tom maior da prosperidade, ao invés de, como até então, no tom menor da depressão. A afluência, baseada no boom econômico, constituía o pano de fundo do que ainda é conhecido no continente europeu como "a bela época" (*belle époque*). A passagem da preocupação à euforia foi tão súbita e dramática que os economistas comuns procuraram algum tipo especial de força externa para explicá-la, um deus ex-machina, que encontraram na descoberta de enormes reservas de ouro na África do Sul, na última das grandes corridas do ouro ocidentais, no Klondike (Canadá, 1898) e em outros lugares. (HOBBSAWM, 2011, p.47)

Chegando ao município de Maceió em 12 de junho de 1914¹¹, uma considerável distância de tempo quando se leva em consideração que já existiam instalações comerciais de bonde elétrico em Berlim Alemanha em 1881. Mas que quando levado em consideração o contexto da época e por ser uma tecnologia desenvolvida a uma grande distância, sua chegada no município até que não demorou tanto para se fazer presente na cidade de Maceió. Possibilitando observar como acontecimentos externos se refletiram nacionalmente e até mesmo em um bairro conhecido e frequentado pelos próprios alunos do colégio. Outro ponto abordado a partir desse tipo de locomoção foi como a ideia de evolução, tão presente durante o final do século XIX e início do XX, pode ser questionável até nas coisas básicas, como tipos de locomoção.

Figura 4: 3º ano A,



Praça pingo d água

¹¹ TICIANELI. **História dos bondes elétricos em Maceió**. História de Alagoas, 2019. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/historia-dos-bondes-eletricos-em-maceio.html> Acesso em 01 de dezembro de 2022.

Fonte: (Cedida pelo Professor Ramiros Santos, 2022)

Figura 5: Catedral Metropolitana de Maceió



Fonte: (Cedida pelo Professor Ramiros Santos, 2022)

Mesmo sendo um tipo de locomoção coletiva anterior as que utilizamos atualmente, como o ônibus, o bonde elétrico ainda possui pontos positivos em cima da principal locomoção coletiva atual, como uma menor poluição, tanto sonora quanto atmosférica. Aspectos que permitem lembrar e discutir em torno da ideia do que seria "evolução", ideia bastante recorrente durante a apresentação do conteúdo de Primeira Guerra Mundial, mas que até no que se refere à locomoção são necessárias ressalvas. Realidade não diferente quando se pensa o contexto de desenvolvimento industrial e urbano no qual a Europa vinha passando durante o século XIX, o qual acabou culminando na Primeira Guerra Mundial.

Por fim, a experiência realizada pelo PIBID em conjunto com os professores de história e geografia, foi uma ótima oportunidade de construir em conjunto com os alunos, uma maior aproximação da disciplina perante um ambiente comum a todos. Melhorando assim, a percepção entre passado e presente, e se distanciando um pouco do formato de ensino de história comum e tradicionalista.

Já no aspecto interdisciplinar, a ação contou com uma série de obstáculos, indo de questões internas sobre o formato a qual seria aplicada, até externos como a viabilidade de recursos básicos necessários, como alimentação e locomoção. Mas o resultado final fez com que tudo fosse recompensador e gratificante, pois vivenciar a qual dificilmente poderia ser replicada durante o curto período dos estágios obrigatórios.

4. O PRP, EM MEIO CONTEXTO DE PANDEMIA DO COVID-19

“A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos colégios”¹²

Ferreira Gullar

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) se trata de um programa que possibilita a inserção de estudantes dos cursos de licenciatura no ambiente escolar, vivenciado assim a realidade diária presente no ensino público. Uma ótima oportunidade para colocar em prática algumas teorias e conceitos apresentados durante o decorrer do seu curso de formação.

Essa edição específica inicializada no final de 2020 teve como desafio lidar e adaptar a prática docente com a realidade que se fazia presente nacionalmente, após o surgimento do agente patógeno SARS-CoV-2, COVID-19. Vírus responsável por ocasionar uma pandemia, alterando vários aspectos praticados em diferentes profissões, e entre elas a própria docência.

Tendo seu primeiro caso nacionalmente confirmado na data de 26 de fevereiro de 2020 em São Paulo¹³, o COVID 19 acabou por se disseminar de uma forma rápida, não demorando muito para se tornar presente nas demais regiões e estados de todo o território Brasileiro. Ocasionalmente a morte de centenas de milhares de pessoas. Uma das principais formas encontradas para "combater" e diminuir a contaminação do vírus, foi pela realização de um isolamento geral, sendo aconselhado, o contato com pessoas externas somente em casos extremamente necessários.

Visando a diminuição do contágio, o processo de adaptação também se fez necessário nos diferentes segmentos da sociedade. Os que não pararam a continuidade de suas atividades tiveram que realizar mudanças internas, que permitissem diminuir o máximo possível o contato entre indivíduos. Uma medida tomada pelos estabelecimentos privados, principalmente ligados a alimentação, foi o aumento e adesão ao sistema de delivery, fato que pode ser observado no aumento

¹² GULLAR, Ferreira. **Corpo a corpo com a linguagem**. Ponta Grossa: UEPG, 1997.

¹³ SUS, Sistema Único de Saúde. **Coronavírus**: Brasil confirma primeiro caso da doença. UNA-SUS, 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca> Acesso em 01 de dezembro de 2022.

de 40,5 para 66%¹⁴ de pessoas que fizeram pelo menos uma vez pedidos pela internet ou aplicativos de delivery. O lazer se limitou para a própria residência, e como não poderia ser diferente, mudanças também se fizeram necessárias na área da educação.

Levando em consideração as preocupações presentes na nova conjuntura da educação básica, a percepção inicial sobre a estrutura física do colégio ocorreu através de imagens e os próprios relatos do professor preceptor, responsável pela equipe do Margarez. A Escola da rede Estadual disponibilizava biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra esportiva, entre outros locais que estabelecem o ambiente de ensino de forma razoável para o desenvolvimento educacional dos discentes nele presente.

Mas não podendo usar o espaço físico do colégio, o ensino remoto foi selecionado como alternativa para dar continuidade à formação dos estudantes, buscando assim garantir a segurança de todos os envolvidos durante o processo. O uso de um novo formato trouxe consigo todo um segmento de novas problemáticas a serem superadas além das que já se fazem presente diariamente em sala de aula.

De início, o primeiro problema ficou em torno da mudança brusca de ambiente de trabalho, não sendo possível ser realizada uma mudança gradativa para as plataformas virtuais utilizadas, como o *Google classroom*, *Google meet*, *YouTube*, *whatsapp* e etc.

A mudança também se fez presente na vida dos estudantes. Crianças e adolescentes, que mesmo fazendo parte de uma geração a que plataformas virtuais e a internet estão presentes de forma constante na vida da maioria, é inegável que a mudança desses ambientes que antes eram vistos quase que exclusivamente para entretenimento e comunicação, mudaram rapidamente para uma espécie de extensão principal do ambiente de ensino. O que acabou por ocasionar uma série de consequências e estando entre as principais, o forte aumento no número de evasão escolar.

Mesmo participando anteriormente dos estágios I, II, e III, além do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), projeto também voltado

¹⁴ VALENTE, Jonas. **Pesquisa revela aumento de pedidos de comida por app durante pandemia.** Agência Brasil, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/pesquisa-revela-aumento-de-pedidos-de-comida-por-app-durante-pandemia#:~:text=Os%20pedidos%20de%20refei%C3%A7%C3%B5es%20pela,de%20emerg%C3%Aancia%20de%20sa%C3%BAde%20p%C3%ABlica>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

a aproximação entre teoria e prática, através da inserção do discente da área da educação em sala de aula, o contexto ao qual o PRP foi executado, permitiu a construção de experiências singulares além da comum prática diária do profissional docente.

Trazendo consigo algumas reflexões e questionamentos, em torno das experiências e resultados obtidos em meio ao isolamento social, e principalmente em torno da viabilidade do próprio ensino remoto como forma de ensino na educação básica, reflexões essas que serão abordadas no decorrer desse terceiro capítulo.

4.1 PECULIARIDADES DO AMBIENTE DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Mesmo que o covid-19 seja o responsável em intensificar de forma geral a discussão e atenção para a modalidade do ensino remoto, tal prática já se fazia presente de diferentes formas, seja através das instituições de EAD (educação a distância) ou o próprio EH (ensino híbrido). A principal diferença é que o isolamento social não permitiu escolha, posicionando o ERE (ensino remoto emergencial) como única opção viável que garantisse uma maior segurança. Mesmo o uso do ensino remoto como forma principal na transmissão de conteúdo ainda possua bastante margem para discussão, principalmente no que se refere ao ensino básico.

Um ponto de partida viável e algum tempo presente é a modalidade de EAD, formato de ensino e aprendizagem em que o educador se utiliza de diferentes tecnologias para a construção do conhecimento em conjunto com os estudantes, mesmo que ambos estejam em ambientes físicos distantes. A tecnologia possível a ser usada, não se limita necessariamente ao uso somente da internet, também sendo possível serem usados outros formatos, como a própria televisão, rádio, telefone, entre outras tecnologias que interliguem duas ou mais pessoas distantes, e com objetivos de ensinar ou aprender.

Ainda na questão conceitual, o próprio site do MEC disponibiliza uma definição de EAD em que :

Educação a distância é a modalidade educacional na qual alunos e professores estão separados, física ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e

comunicação. Essa modalidade é regulada por uma legislação específica e pode ser implantada na educação básica (educação de jovens e adultos, educação profissional técnica de nível médio) e na educação superior (MEC, 2022)¹⁵.

Com o decorrer do tempo é possível notar um aumento no número de alunos que ingressam na modalidade de ensino remoto, ponto esse que pode ser observado pelos dados disponibilizados recentemente pelo censo de educação superior do próprio INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), em que entre "os mais de 3,7 milhões de ingressantes no ensino superior em 2020¹⁶, 53,4% optaram pela modalidade a distância, enquanto 46,6 % escolheram cursos presenciais (que só adotaram atividades remotas de forma provisória, por causa da pandemia).

Entre os motivos que podem ser observados na escolha pelo ensino à distância, os pontos a serem citados, podem ser separados em torno do educador e dos discentes. Em relação ao professor, alguns dos benefícios estão na possibilidade de uma disseminação mais ampla de conteúdo e conseqüentemente atender um público mais extenso, já que esse número não será limitado por nenhum tamanho físico de sala de aula.

Outra questão, é a disponibilidade de imagens e recursos quase que de forma instantânea para os discentes, já que essa modalidade de ensino na maioria das vezes é realizada em conjunto com computadores, notebooks e ou outros dispositivos com acesso à internet. Aspecto que também beneficia as instituições de EAD que acabam possuindo um menor valor gasto em ambiente e objetos físicos.

Já em relação aos estudantes que optam pelo EAD principalmente no nível do ensino superior, os pontos positivos ficam em torno de um valor mais baixo da média praticada nos cursos presenciais das redes privadas de ensino, assim como uma diminuição no tempo e valor gasto com locomoção até o ambiente de ensino. Caso

¹⁵ MEC, Ministério da Educação. **O que é educação a distância?** Governo do Brasil, 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12823:o-que-e-educacao-a-distancia#:~:text=C%C3%B3digo%20para%20do%20Twitter.,tecnologias%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20comunica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

¹⁶ UFJF, Universidade federal de Juiz de Fora. **Levantamento do Ministério da Educação mostra que aumentou o número de matrículas para os cursos à distância.** Governo do Brasil, 2022. Disponível em: <http://www.cead.ufjf.br/2022/03/16/levantamento-do-ministerio-da-educacao-mostra-que-aumentou-o-numero-de-matriculas-para-os-cursos-a-distancia/#:~:text=Em%20mat%C3%A9ria%2C%20o%20portal%20G1,observada%20mesmo%20antes%20da%20pandemia> Acesso em 01 de dezembro de 2022.

o estudante resida em localidades mais remotas, é o contexto em que o ensino remoto se faz mais necessário, já que dependendo da distância para uma rede de ensino física poderia acabar ocasionando uma inviabilidade ao acesso.

No caso do ERE (Educação Remota Emergencial), a qual estive presente durante o PRP, a realidade observada é diferente, existindo alguns problemas relevantes a serem comentados. Primeiro, a falta ou limitação ao acesso a um dispositivo com uma boa conexão com a internet, acaba por dificultar o acesso de muitos estudantes, ocasionando um efeito contrário na democratização do acesso ao conhecimento e informação que o uso da internet deveria proporcionar. Uma informação inicial levantada pelo professor preceptor da Escola, foi que durante o ensino remoto a falta de acesso a um dispositivo com internet estava entre os motivos responsáveis pela forte evasão escolar, principalmente sobre aqueles que não possuíam boas condições financeiras e estruturais.

E mesmo os alunos que possuíam acesso ao ambiente virtual, lidavam com variáveis as quais precisavam contornar, seja por conta de uma internet de má qualidade, deixando sua rede instável, ocasionando assim saídas constantes durante a apresentação do conteúdo, ou pela própria dificuldade em organizar uma rotina e um local específico para acompanhar as aulas, e realizar os estudos de forma geral. Já que o uso residencial como ambiente escolar, resultava em inúmeras interrupções, seja internamente por conta da rotina dos demais moradores e familiares, ou externamente em que terceiros, vizinhos, estabelecimentos, vendedores ambulantes acabavam ocasionando barulhos, dificultando a concentração no conteúdo.

Por fim, a falta de uma divisão específica entre o ambiente de moradia e escola “despejou” uma grande carga de estresse e ansiedade nos alunos acompanhados, dificultando sua permanência e realização das atividades escolares. Felizmente, na fase final do PRP foi possível executar mesmo que brevemente o ensino remoto no formato de EH (Ensino Híbrido), optado após uma diminuição significativa no número de casos de contaminação e mortalidade do vírus.

O uso do formato de EH buscava basicamente realizar um retorno gradativo e seguro dos estudantes, os dividindo em grupos que se alternavam na participação

presencial em sala de aula, e no recebimento de material auxiliar das atividades em casa.

Durante as regências e demais experiência no ensino remoto emergencial praticado na rede de Ensino de Educação Básica, ficou evidente que um dos fortes fatores sobre sua eficácia ou não, fica por conta da capacidade ao acesso das ferramentas necessárias para o seu uso. Aspecto esse que não foi atendido pelas autoridades políticas e instituições de ensino, perante as escolas atendidas durante o programa do PRP de História de 2020 no município de Maceió.

Realidade que se faz questionar a forma pela qual ocorreu a implementação desses recursos tecnológicos nas redes de ensino público. Nesse aspecto algumas das ações importantes a serem destacadas são o programa nacional de tecnologia educacional¹⁷ (PROIMFO) de 1997, que tinha como objetivo a implementação do uso de tecnologias de informação e de comunicação nas instituições públicas. Que passou por uma formulação a partir de 12 de dezembro de 2007, mediante a criação do decreto nº6.300, passando a ter o objetivo de promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação.

Outro ponto importante a ser citado é o programa banda larga nas escolas¹⁸ lançado em 4 de abril de 2008, tendo a responsabilidade do fornecimento de internet. Programa de total importância, mas que também, ainda não conseguiu atingir todas as escolas. Sendo possível observar escolas que possuem computadores, mas não um bom acesso à internet. Programas que infelizmente não alcançaram a popularização da tecnologia nas redes públicas de ensino, pelo menos não nas que foram atendidas.

4.2 PRP, ADAPTAÇÕES DO ENSINO PRESENCIAL PARA O AMBIENTE VIRTUAL

Após o período de leitura e instrução ao formato que o PRP iria assumir no contexto de pandemia, o início do trabalho em sala de aula teve como primeira ação

¹⁷ FNDE, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Sobre o ProInfo**. Governo do Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/proinfo/sobre-o-plano-ou-programa/sobre-o-proinfo> Acesso em 01 de dezembro de 2022.

¹⁸ MEC, Ministério da Educação. **Programa Banda Larga nas Escolas**. Governo do Brasil, 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/193-secretarias-112877938/seed-educacao-a-distancia-96734370/15808-programa-banda-larga-nas-escolas> Acesso em 01 de dezembro de 2022.

tomada pelo professor preceptor, a divisão dos residentes em dois grupos, tanto para observação quanto regência. Buscando assim, conseguir uma maior abrangência das turmas atendidas do terceiro ano.

Após a divisão ficou estabelecido que o grupo da tarde iria ficar com os terceiros anos: C e D, enquanto o grupo da manhã ficaria com os 3º A e B, turmas possuindo como principal diferença, a média no número de estudantes presentes ao vivo em sala de aula virtual. O período da manhã atendendo 16 alunos, quase que o dobro do período da tarde.

Mesmo com um número baixo de alunos acompanhando a aula ao vivo, a apresentação do conteúdo, a turma abrangia um número maior de discentes, mas que por inúmeros motivos só conseguiam acompanhar o conteúdo posteriormente, recorrendo depois das apresentações, o contato com o professor. Em meio a um grande número de contatos, principalmente via *whatsapp*, foi tomada como medida, a disponibilização do número dos residentes para as turmas as quais estavam sendo atendidas, ficando como, o principal meio de comunicação para tirar dúvidas, seja do conteúdo ou gerais em torno do funcionamento do ensino remoto.

A ação de disponibilizar o contato de *whatsapp* acabou se tornando comum entre os professores das escolas as quais o PRP-História atendeu em Maceió, já que o longo tempo de distância entre educador e educando se fez necessário um meio de comunicação rápida e comum entre os membros da turma. A plataforma tendo como ponto positivo uma possibilidade de atender as necessidades e esclarecer algumas questões ou dúvidas comuns quanto à existência de uma realidade totalmente nova e mutável. Mas também trouxe como consequência um aumento exponencial no trabalho do educador.

Normalmente o trabalho docente já não se limita ao perímetro da escola ou sala de aula ao qual trabalha, sendo necessário todo um planejamento prévio sobre os diferentes aspectos presentes durante e pós a apresentação do conteúdo, como os planos de aula e a correção das atividades praticadas. Mas a diferença é que a realização desse trabalho fica no controle do professor, podendo definir o horário do seu início e fim, aspecto que infelizmente não foi possível ser praticado após a disponibilidade do *whatsapp*, dificultando ao professor estabelecer o início e fim de seu trabalho.

Esse foi o principal ponto levado em consideração ao oferecer o acesso dos estudantes ao número dos residentes, ação que também permitiu que os formandos do programa tivessem um maior conhecimento e aproximação a respeito dos estudantes, já durante o período de observação. Podendo sentir uma maior segurança durante a elaboração dos planos de aula e regência, ambos sendo realizados a partir das características observadas nos estudantes durante as aulas e interações nos grupos de *whatsapp*.

Durante o período inicial do programa outro aspecto que chamou bastante atenção foi a constante comunicação dos estudantes, tanto nos grupos de *whatsapp* quanto no chat da sala de aula virtual. Ambientes que acabaram assumindo a posição de locais de interações sociais em geral já que não se era mais possível o encontro com os demais colegas e amigos no ambiente escolar.

Ponto esse que evidencia a importância do colégio como não somente um local de aprendizagem de conteúdo, mas também de criação dos diferentes tipos de interações sociais, seja nos corredores, sala de aula ou pátio, experiências essas difíceis de serem replicadas no ensino a distância

Na Enciclopédia Larousse Cultural socialização é definida como:

No campo da Psicologia, a socialização é o processo pelo qual a criança interioriza os diversos elementos da cultura que a rodeia (valores, normas, códigos simbólicos e regras de conduta), e se integra na vida social. No campo da Sociologia, caracteriza-se pelo desenvolvimento da consciência social e do espírito de solidariedade e cooperação nos indivíduos de uma comunidade (1999, vol. 22,).

Interação social, um dos obstáculos mais complicados de ser superado em torno do uso da educação à distância, principalmente no que se refere ao panorama da educação de ensino básico, mesmo caso se consiga disponibilizar formatos de acesso ao ambiente virtual. Nos anos iniciais, a escola se apresenta como um grande ambiente fértil, para o desenvolvimento tanto da criança quanto do adolescente, por se tratar de um momento em que se sai do seu núcleo familiar, para ingressar em um ambiente totalmente novo, encontrando e passando a conviver com colegas iguais e diferentes, potencializando experiências de socialização.

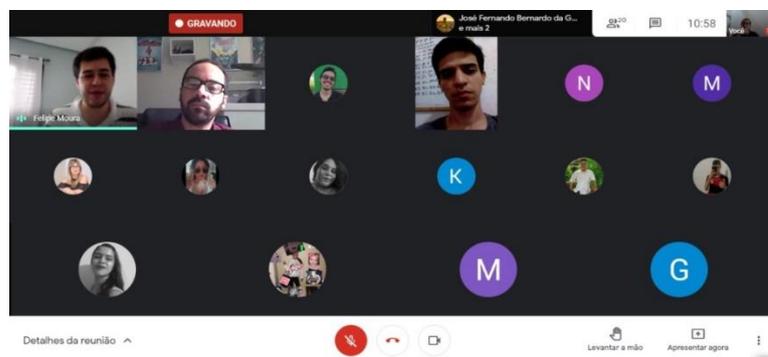
Processo que dá continuidade durante todo o período de escolarização, pois seja durante o ensino fundamental ou médio, o aluno encontra na escola e sala de aula não apenas conteúdos, mas a criação de relações afetivas, experiências sobre a importância de respeitar o próximo, a realização de trabalhos em grupo, além de uma série de regras de conduta as quais devem ser seguidas não somente por si, mas também por todos aqueles que compartilham aquele determinado espaço. Experiências a serem levadas durante todo o decorrer da vida, independentemente de quais sejam os ambientes sociais nos quais venha a participar.

4.3 REGÊNCIA DE AULAS DE HISTÓRIA E PROCEDIMENTOS AVALIATIVOS.

Após o período de observação, o início das regências ocorreu contando sempre com o acompanhamento do professor preceptor. A regência das aulas teve como princípio a busca por realizar apresentações e discussões em conjunto com os estudantes, valorizando que compartilhassem seus conhecimentos prévios.

Após o fim da regência eram realizadas reuniões para expor e refletir sobre a experiência como um todo com os demais colegas do PRP. Essas reuniões podem ser divididas em três tipos, uma mais geral contando com todos os membros do programa, uma com os presentes na escola Estadual onde participamos, e por fim uma contando com os membros que realizaram a regência.

Figura 6: Aula em ambiente virtual



Fonte: (Disponibilizada por Roberto Cesar Gomes, 2022)

Em relação aos formatos de avaliação praticados durante o contexto de ensino remoto, um dos principais aliados foi o uso de formulários do *Google*,

ferramenta relativamente de fácil acesso para todas as partes. As questões presentes nos formulários, assim como nas aulas, contaram com a presença de charges, quadrinhos e memes, além das já tradicionais questões de múltipla escolha e dissertativas. Dentre as atividades as que tiveram destaque, foi a com a utilização de memes e a de textos dissertativos.

A respeito dos memes, com o confinamento coletivo, o uso das redes sociais se tornou cada vez mais constante, e um dos formatos bastante populares, principalmente entre os jovens e adolescentes, são os memes. Modelo que na sua grande maioria é composto por uma imagem e um curto texto complementar, podendo expressar uma ampla quantidade de sentimentos, pensamentos e informações em geral. Levando em consideração sua popularidade e ampla capacidade de adaptação, a ferramenta foi usada em diferentes momentos: durante as aulas, atividades avaliativas e até mesmo em uma oficina conduzida pelos residentes: Roberto Cesar Gomes da Silva e Felipe Galindo Moura.

O uso de memes durante a apresentação de alguns conteúdos acabou sendo bem aceito, e bastante eficaz principalmente no seu uso como atividade de avaliação. Proposta em que cabia aos alunos o desenvolvimento de memes próprios em concordância com o conteúdo apresentado anteriormente. Resultando na adesão de uma boa parcela dos estudantes sobre a proposta, os quais realizaram a tarefa de uma forma bastante criativa. Adesão essa que não era possível ser observada constantemente na realização das demais atividades, como por exemplo na elaboração de textos dissertativos.

Levando em consideração que as turmas atendidas eram de alunos do 3º ano do ensino médio, último ano do ensino básico, e público alvo do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), o qual possui como aspecto avaliativo a elaboração de uma redação, uma das atividades exploradas foi elaborar textos dissertativos como uma forma de incentivar a sua prática da elaboração textual. Mas infelizmente a devolutiva da atividade ficou abaixo da esperada, resultado até que compreensível quando se pensar no contexto ao qual os alunos estavam passando, de grande estresse, incertezas, ansiedade e insegurança.

Por fim, o PRP possibilitou a participação em uma experiência difícil, mas enriquecedora, em torno não somente sobre a realidade diária da profissão docente,

mas também sobre questões sobre o ensino remoto emergencial, e a própria viabilidade do ensino remoto. Modelo que mesmo possuindo uma grande aceitação e crescimento nas redes de ensino superior, ainda possui muitas problemáticas quando praticado na rede pública de ensino básico.

Seu uso pode até ser justificado quando não houver viabilidade de locomoção do discente para a participação presencial, mas quando houver a possibilidade de ir para a escola, essa continua sendo a melhor opção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências práticas desenvolvidas nas instituições de ensino público durante a participação nos estágios obrigatórios, permitiram evidenciar a importância da relação entre teoria e prática durante o período de formação docente. Pontos esses indissociáveis. Devendo existir desse modo, na medida do possível, uma busca contínua para que o planejamento de formação considere a realidade a qual aquele conhecimento será aplicado.

O estágio se posicionando, portanto, como um fator muito importante e sendo justamente a primeira experiência do formando na vivência com a forma pela qual os conteúdos apresentados durante sua formação se traduzem em sala de aula. Conseguindo assim, pensar e repensar não somente os conteúdos, mas também seu desejo interno em dar continuidade na área a qual deseja seguir.

No contexto da aproximação entre formando e um profissional da área, o perfil desse profissional é fundamental, já que é a partir dele que será possível elaborar toda uma análise dos pontos positivos e negativos do trabalho e ambiente ao qual faz parte. Essa análise precede a existência de um compromisso do professor acompanhado, sendo uma peça muito importante durante o processo de formação dos futuros educadores. Experiência essa, que pode ser ainda mais enriquecedora quando o docente acompanhado ainda possui uma aproximação com o que está sendo desenvolvido atualmente no ambiente universitário.

A participação em programas como o PIBID e PRP, possibilita não somente uma maior aproximação do formando com o profissional docente acompanhado, mas também uma maior aproximação entre os conhecimentos atuais presentes na universidade, com o ambiente de sala de aula do ensino básico. Além de um aumento exponencial do tempo em sala de aula, esses programas, graças a sua continuidade numa mesma instituição de ensino, possibilitam a vivência de experiências complementares.

Programas esses, que vão além da regência, sendo possível uma maior aproximação entre o estudante universitário com os alunos do ensino básico, podendo acompanhar todo seu progresso durante o decorrer do ano letivo. Permitindo elaborações de planos de aulas e atividades pedagógicas mais

específicas para turmas as quais acompanha. Assim como um maior conhecimento sobre os profissionais que complementam o ambiente escolar como um todo.

Durante minha participação no PIBID, já foi possível evidenciar de forma bem mais abrangente o cotidiano da sala de aula quando comparado aos estágios. Sendo possível desenvolver uma série de atividades em conjunto com os demais membros do programa e professores das escolas visitadas. Aumentando conseqüentemente o número de discursões e reflexões sobre um mesmo trabalho. Dinâmica escolar a qual foi alterada durante a participação no segundo programa PRP, em que mesmo com a continuidade dos encontros, esses acabaram por se limitar ao ambiente virtual.

A mudança da sala de aula física para ambiente virtual acabou fazendo necessário uma série de adaptações, visando uma maior eficácia na aprendizagem. A realidade demonstrada com a aplicação do ensino remoto no ambiente de ensino básico, pode ser considerada problemática, mesmo existindo uma série de universidades particulares que adotaram o modelo e uma geração atual cada vez mais conectado ao ambiente virtual. Seu uso depende de uma série de ferramentas que infelizmente não são necessariamente disponibilizadas nas redes públicas de ensino.

Com a escola não conseguindo atender essas necessidades, os alunos acabam ficando totalmente dependentes da sua realidade social. Seja na disponibilidade de um dispositivo com acesso à rede de internet, que precisa ser de boa qualidade, ou mesmo um ambiente específico para estudar sem interferências externas. E mesmo quando esses requisitos são atendidos, não se pode desconsiderar o forte papel de interação social que a escola e a sala de aula física fornecem aos estudantes. Aspectos esses, que posicionam a aula presencial sempre que possível, como melhor opção ao ensino básico.

A participação nos estágios obrigatórios PIBID e PRP, possibilita a construção de um bom alicerce que me acompanhou durante boa parte da minha formação e com certeza me acompanhará no decorrer da minha atuação na área com a qual escolhi seguir. De modo que a disciplina de história fazendo parte das ciências humanas, e a ciência possuindo como um dos seus principais pontos a realização de testes e experimentos, os estágios e programas de integração dos formandos em ambiente de ensino básico, se posicionam como ótimos laboratórios.

REFERÊNCIAS.

BEZERRA, Antônio Alves; SILVA, Jose augusto Ferreira; SODÓ, Roberta dos Santos . **Ensino de História, Formação de Professores(as) e PIBID: o uso de HQs e Cartoons como possibilidade didático-pedagógico nas aulas de história.** Kiri-krê: Pesquisa em Ensino, Dossiê n.5, Vol. 2, dez. 2020.

BEZERRA, Antônio Alves. Et al. **PIBID/UFAL no contexto de ensino remoto emergencial: vivencias práticas e saberes,** ed. CRV. 2022.

BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez editora, 2018

BOVO, Marcos Clair. **Interdisciplinaridade e transversalidade como dimensões da ação pedagógica.** Urutáguá, Maringá, n. 07, ago-nov, 2005.

CAIMI, Flávia Eloísa. **O que precisa saber um professor de história?** História & Ensino, v. 21, n. 2, p. 105-124, 2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa,** ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 26.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GULLAR, Ferreira. **Corpo a corpo com a linguagem.** Ponta Grossa: UEPG, 1997.

GATTI, Bernadete A. **A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas.** Revista USP, n. 100, 2014.

HAAG, Clara. **A escola como espaço de socialização e sua contribuição na construção da autonomia moral.** Tese (conclusão de curso) faculdade de educação curso de graduação em pedagogia licenciatura, universidade do Rio Grande do Sul. P. 60. 2010.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios.** 13 ed. São Paulo – SP: Paz e Terra, 2011

HOBBSAWM, Eric. **A era dos Extremos: O breve século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KEIDANN, L. GLAUCIA. **Utilização de Mapas Mentais na Inclusão Digital. II** Educom Sul, 2013.

SANTANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar?** Rio de Janeiro, Vozes, 1995

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.